

Desejo esclarecer que as normas não são limitações ou imposições caprichosas. Pelo contrário, as normas são um guia para alcançar a unidade entre os falantes da mesma língua. Orientam-nos para que possamos distinguir, entre as diferentes formas que circulam, as que melhor se adaptam ao espírito do idioma, ou seja, às estruturas formais da língua, que Cuervo denominava o "gênio do idioma". As normas nos indicam os usos habituais e corretos de nossa língua que, por algum motivo, nem sempre colocamos em prática.

Bibliografía

- CABRÉ, María Teresa. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Antàrtida-Empúries, 1993.
- _____. *La terminología. Representación y comunicación*. Barcelona: IULA, Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- GARCÍA YEBRA, Valentín. *Teoría y práctica de la traducción*, Tomos I-II, Madrid: Gredos, 1984, 2ª ed.
- GONZÁLEZ GARCÍA, Consuelo; GARCÍA YEBRA, Valentín. *Documentación, Terminología y Traducción*. Madrid: Editorial Síntesis S.A., 2000.
- MARTÍNEZ DE SOUSA, José. *Manual de estilo de la lengua española*. Guijón: Ediciones Trea, S. L., 2001, 2ª ed.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1989, 4ª ed.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario Panhispánico de Dudas*. Disponível em: <<http://www.rae.es>>.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Ortografía de la Lengua Española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999, 4ª ed.
- ZORRILLA DE RODRÍGUEZ, Alicia María; OLSEN DE SERRANO REDONNET, María Luisa. *Diccionario de los usos correctos del español*; Buenos Aires: Ángel Estrada & Cía., 1997, 2ª ed.
- ZORRILLA, Alicia María. *Hablar, escribir, traducir en español*. Buenos Aires: Fundación Instituto Superior de Estudios Lingüísticos y Literarios LITTERAE, 2008, 2ª ed.
- ZORRILLA, Alicia María. *Manual del Corrector de Textos. Guía Normativa de la Lengua Española*, Tomos I-VI. Buenos Aires: Fundación Instituto Superior de Estudios Lingüísticos y Literarios LITTERAE, 1991-1997.
- ZORRILLA, Alicia María. *Sobre las palabras y los números*. Buenos Aires: Fundación Instituto Superior de Estudios Lingüísticos y Literarios LITTERAE, 2007.

Técnicas específicas da tradução jornalística

María José Hernández Guerrero¹
Tradução de Grasielly Hanke Angeli²
Revisão de Cleci Regina Bevilacqua³

Resumo: A tradução jornalística é uma prática profissional concreta que apresenta características próprias. Neste artigo, propomos uma nova aproximação a esse tipo de tradução por meio da análise das técnicas utilizadas com maior frequência nas traduções de textos jornalísticos, como a amplificação, a compressão e a elisão. O uso dessas técnicas é funcional e determinado pelas características dos gêneros jornalísticos e pelas exigências do novo contexto comunicativo.

Palavras-chave: tradução jornalística, gêneros jornalísticos, técnicas de tradução.

Abstract: Journalistic translation is a professional practice with its own characteristics. In this article we propose a new approach to this type of translation through the analysis of the specific techniques most often used in journalistic translation, such as amplification, compression and omission. The use of these techniques is functional and is determined by the characteristics of the journalistic genres and the requirements of the new communicative frame.

Keywords: journalistic translation, journalistic genres, translation techniques

1 A tradução jornalística

Surpreendentemente, a grande atividade tradutória gerada pela imprensa escrita não é acompanhada de um movimento de pesquisa paralelo por parte

¹ Professora do Departamento de Tradução e Interpretação da Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de Málaga. Título original: Técnicas específicas de la traducción periodística.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS.

³ Professora do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS.

da tradutologia. São escassas as aproximações à tradução jornalística (Tapia, 1992; Gutiérrez de Terán, 1997; Martínez, 2001; Cortés Zaborras e Hernández Guerrero, 2004), como também é mínimo o interesse que o mundo do jornalismo manifesta à enorme quantidade de textos traduzidos que circulam pela imprensa (Hernando, 1999). Assim, em comparação com outros tipos de tradução que geram muitos estudos e publicações, como a tradução literária, a jurídica e a técnico-científica, são escassos os trabalhos e as pesquisas centrados na tradução jornalística. Além disso, parte da publicação existente está relacionada mais com o interesse que os textos jornalísticos despertam para o ensino da tradução do que com o estudo dessa prática profissional (Chartier, 2000). No entanto, uma coisa é a utilização didática dos textos jornalísticos, traduzidos ou não, e outra muito diferente é a tradução jornalística que, como afirmamos anteriormente, é uma prática profissional concreta, ligada a gêneros textuais bem definidos, como são os jornalísticos, que a tornam um tipo de tradução com características e procedimentos próprios.

Propomos, a seguir, uma nova abordagem a esse tipo de tradução por meio da análise de técnicas específicas que são aplicadas na prática profissional, condicionada, por sua vez, pelos parâmetros fundamentais que a determinam: os gêneros textuais empregados e as exigências do novo contexto comunicativo.

2 Os gêneros jornalísticos

A principal função dos gêneros jornalísticos é informar. A informação pode ser transmitida com diferentes estilos ou com diferente intenção, mas sempre deve ser de fácil compreensão para os leitores. É por isso que ao produzir um texto jornalístico recomenda-se que o texto seja claro, conciso, preciso, fluido e simples. Essas mesmas recomendações servem para o tradutor. O seu estilo deve seguir essa linha para que a informação flua com naturalidade.

Na produção de textos jornalísticos, as formulações estilísticas e retóricas se organizam de modo específico. A produção de um artigo jornalístico é regida por princípios que guiam, por exemplo, a disposição da estrutura textual, na dos argumentos, da sintaxe, etc. Quando se fala em textos jornalísticos, na verdade, se menciona um conjunto de tipos textuais que não é uniforme. Esclarecendo, se menciona um conjunto de tipos de discurso ou gêneros. Os gêneros jornalísticos foram amplamente estudados e classificados no âmbito do jornalismo e contamos com excelentes obras para sua análise e descrição (Casasús e Núñez Ladevéze, 1991; Martínez Albertos, 1989 e 2000; Gomis, 1991; Núñez Ladevéze, 1993 e 1995, entre outros). Existem diferentes classificações dependendo do enfoque dos diversos autores. Seguiremos a proposta simplificadora de Casasús (1991: 88), que estabelece três grandes categorias: gêneros informativos,

interpretativos e argumentativos, que englobariam as variedades textuais presentes na imprensa escrita⁴.

Cada um desses gêneros apresenta convenções textuais já estabelecidas, uma maneira de comunicar com estruturas determinadas e que variam entre línguas e culturas diferentes. Assim, se tomamos como exemplo a notícia, variedade textual do gênero informativo, veremos que ela apresenta em espanhol uma estrutura convencionalizada, na qual destacam um tipo de *título* extenso, que informa o leitor dos acontecimentos sem que ele precise recorrer ao resto da informação, o *lide*, que inclui a parte mais importante da informação, e o *corpo da notícia*, que explica, amplia e embasa o que foi dito no lide. Tradicionalmente, o conteúdo da notícia se estrutura seguindo as pautas da *pirâmide invertida*, que consiste em colocar as informações mais importantes no início e as menos relevantes no final. Essa técnica continua sendo aplicada, embora conviva com outras, como a estrutura cronológica ou a narração natural dos fatos. A notícia tem como finalidade refletir com a maior exatidão possível a realidade à qual teve acesso o jornalista. Martínez Albertos (2000: 263) destaca o seu estilo sóbrio e sucinto, rigorosamente objetivo.

Essas características vêm marcadas culturalmente; trata-se de uma série de convenções textuais que os jornalistas, por um lado, conhecem e aplicam e os leitores do jornal, por outro, esperam encontrar. Cada gênero se diferencia dos demais por seu estilo e pela utilização dos recursos linguísticos, sua finalidade e disposição psicológica do autor. Além da estrutura interna, contamos com o seu "exterior", a sua imagem, que também é uma parte fundamental da informação oferecida pelos meios de comunicação e jornais aos receptores. A percepção do texto jornalístico (localização, extensão, formato, etc.) nos proporciona uma informação visual adicional.

As convenções que regem a produção de uma variedade textual em um sistema sociocultural determinado não têm por que coincidir com os padrões textuais de outros sistemas. Voltando ao exemplo anterior da notícia, embora existam características em espanhol que sejam iguais nas notícias de países próximos, também existem diferenças. No caso dos textos jornalísticos franceses, por exemplo, a maneira de construir os títulos é diferente das convenções que regem no espanhol, como tivemos a oportunidade de analisar em um trabalho anterior (Hernández Guerrero, 2004c). Assim, os títulos das no-

⁴ Embora existam diferentes denominações, há plena coincidência ao apontar a existência desses três gêneros jornalísticos. Não se pode dizer o mesmo em relação aos subgêneros. Basta uma breve revisão na bibliografia sobre o assunto para comprovar que algumas variedades textuais são híbridas e estão incluídas, segundo o autor, em um gênero ou outro. O mesmo ocorre nos manuais de estilo dos principais jornais da Espanha. Assim, no *Libro de estilo* de El Mundo (1996, p. 23), lemos sobre a entrevista: "Pode-se considerar como um subgênero da informação básica ou notícia. Nesse caso, seu único objetivo é informar as opiniões de alguém". No entanto, Martínez de Sousa (2003, p. 39), no *Libro de estilo* de Vocento, inclui esse subgênero dentro dos gêneros interpretativos.

tícias em espanhol são muito mais diretos, mais explícitos do que em francês; transmitem, além disso, grande parte da informação que contêm os textos, incluindo todos os elementos gramaticais de uma frase normal. É por isso que nas traduções para o espanhol são feitas modificações para adaptá-los às convenções que regem os títulos informativos. Podemos ver essa característica nos seguintes exemplos dos artigos do jornal francês *Libération*, que foram traduzidos para o jornal *El Mundo*:

Le non franc et massif des Danois à l'Euro (*Libération*, 29-9-2000).
Dinamarca rechaza adherirse al euro y acentúa la debilidad de la moneda única
(*El Mundo*, 29-9-2000).

Journaux gratuits, les trouble-fête de la presse (*Libération*, 19-9-2002).
Francia en pie de guerra contra la difusión de los periódicos gratuitos
(*El Mundo*, 20-2-2002).

La Banque de France en voie au régime sec (*Libération*, 11-2-2003).
El Banco de Francia prevé cerrar el 75% de su red en 10 años (*El Mundo*, 13-2-2003).

O tradutor deve conhecer não apenas os padrões textuais que predominam no seu sistema sociocultural, mas também as demais convenções próprias dos gêneros que traduz. Assim, e seguindo com o exemplo da tradução de textos jornalísticos franceses, algo que é comum nesses textos, como a inclusão de notas de rodapé, é impensável nos textos jornalísticos espanhóis, em que esse recurso quase nunca é utilizado. Essa diferença de uso leva o tradutor experiente a introduzir modificações na sua versão para evitar a perda de informação, como podemos ver no trecho do artigo "Délocalisations: agir est possible", do comissário europeu do Comércio Internacional, Pascal Lamy, (por questões de espaço não reproduzimos o texto na sua totalidade, apenas o trecho que nos interessa; evidentemente, a nota está no original em francês no final deste artigo):

Sur ce socle de croissance, il nous faut construire une véritable stratégie industrielle. Depuis vingt ans, l'industrie européenne a perdu 7 millions d'emplois tant dis que les services en créaient 36 millions. J'ai demandé au CEPPI⁵ d'étudier précisément les dynamiques à l'oeuvre car l'industrie reste un pivot essentiel de diffusion du progrès technique dans l'économie (*Libération*, 22-9-04).

⁵ Centre d'études prospectives et d'informations internationales, dirigé para Lionel Fontagné, qui doit prochainement remettre au Premier ministre un rapport sur les délocalisations.

Sobre esta base de crecimiento tenemos que poner en marcha una auténtica estrategia industrial. Desde hace 20 años, la industria europea ha perdido 7 millones de empleos, mientras que los servicios creaban 36 millones. Yo mismo pedí precisamente al Centro de Estudios Prospectivos e Informaciones Internacionales, dirigido por Lionel Fontagné, que estudiase las dinámicas que están actuando en este terreno, porque la industria sigue siendo un pivote esencial de difusión del progreso técnico en la economía (*El Mundo*, 25-9-04).

O tradutor optou por introduzir no texto parte da informação proporcionada pela nota, sendo essa a técnica mais comum nesses casos, como pudemos comprovar nas nossas análises de textos jornalísticos franceses traduzidos ao espanhol. No entanto, quando não é considerada relevante para o novo leitor, em geral, a informação da nota desaparece no artigo traduzido⁶.

Traduzir os gêneros jornalísticos, ou qualquer outro gênero, requer conhecimentos e habilidades especiais, que nesse caso se concretizam nos conhecimentos textuais especializados, nas técnicas de redação jornalística e no domínio das convenções; o tradutor desses gêneros constrói novos textos jornalísticos que se inserem em uma tradição linguística e cultural específica, que é regida por parâmetros diferentes aos do original.

3 O novo contexto comunicativo

O texto que foi originalmente publicado em um jornal concreto, em um contexto espaço-temporal determinado, para um receptor e com uma função específica, sofre uma série de transformações quando é traduzido a outra língua e cultura e publicado em outro jornal. Esse jornal pode utilizar o texto com um objetivo igual ou diferente do canal matriz, mas sempre em um novo contexto comunicativo, determinado pelo novo receptor e pelas características do novo canal.

O leitor, destinatário último do jornal, determina em grande medida o tratamento que recebem os textos traduzidos. Ao traduzir textos de outros âmbitos linguísticos e culturais, deve-se pensar no leitor de casa, utilizando uma dose de explicação e de realce na notícia muito superior à que requer o resto das infor-

⁶ Como, por exemplo, no artigo "Porte-voix d'islam", em que encontramos a seguinte frase com informações sobre a editora que publica o livro por meio de uma nota de rodapé, cujo conteúdo o tradutor por fim decidiu omitir:
Début mars, Abd al-Malik, 28 ans, Strasbourgeois d'origine congolaise converti à l'islam à l'âge de 15 ans, raconte sa quête spirituelle dans un livre intitulé Qu'Allah bénisse la France. Ed. Albin Michel, *Libération*, 11-6-04.
A comienzos de marzo, Abd al-Malik, de 28 años, el rapero de Estrasburgo de origen congoleño convertido al islam a los 15 años, contaba su búsqueda espiritual en un libro titulado Que Alá bendiga a Francia. *El Mundo*, 13-6-04.

mações, mais próximas em seus conteúdos e pelas quais se sente mais atraído. O texto jornalístico original se destinava a determinados leitores que compartilhavam com o autor um contexto sociocultural. Esse conhecimento compartilhado facilitava a comunicação entre ambos. A tradução jornalística é muito sensível a todos os aspectos de tipo pragmático para conseguir o propósito comunicativo; as pressuposições (o conhecimento compartilhado entre o autor e o receptor) exigem a intervenção constante do tradutor mediante o emprego de técnicas de tradução concretas, como a descrição e a adaptação.

As características do novo canal constituem outro aspecto que é preciso levar em consideração. Os diferentes jornais que publicam artigos traduzidos apresentam um novo formato, ao qual devem ser adaptadas as versões. Esse formato afeta questões tanto tipográficas, ocasionando, por vezes, mudanças relevantes, como de extensão (os textos têm espaços determinados designados). Contudo, mais importante ainda é a função que o novo canal atribui ao artigo original. O texto pode manter ou variar a função com a qual foi concebido. Ao mesmo tempo, essa função dependerá da sua localização (poderá permanecer na mesma editoria do jornal ou não). Em resumo, no novo canal, o texto traduzido experimenta, às vezes, mudanças importantes em relação ao original de outros meios de comunicação, e essas mudanças implicam a aplicação de técnicas de tradução concretas, como veremos na seção 4.

Deve-se considerar, além disso, que os diferentes canais contam com uma norma própria, paralela à da RAE (Real Academia Espanhola), que aplicam em seus textos. Os grandes jornais oferecem a seus redatores e colaboradores um guia com uma série de normas de caráter interno: os manuais de estilo.

3.1 Os manuais de estilo

A nova publicação que acolhe o texto traduzido é regida por uma série de critérios próprios, não apenas ideológicos (representados na sua linha editorial), mas também formais. Nas publicações de prestígio, os critérios formais estão reunidos nos manuais de estilo, que proporcionam informação sobre como devem ser produzidos os textos do jornal. Os principais jornais espanhóis contam com seu correspondente manual de estilo para orientar os redatores no seu trabalho e unificar critérios. Os manuais de estilo obrigam, são normativos. Evidentemente, que o meio de comunicação decidiu em matéria de linguagem. Evidentemente, em seu conjunto coincidem na hora de oferecer orientações para a produção dos diferentes gêneros e as maiores diferenças são encontradas em:

1. *Questões tipográficas.* Afetam principalmente os tipos de letras ou o emprego de determinados signos ortográficos. Com o objetivo de unificar critérios, os diferentes canais oferecem a seus redatores uma série de recomendações, como as funções dos diferentes tipos de letras ou o

tratamento dos números. Trata-se de estabelecer orientações comuns; assim, por exemplo, indicam o tipo de aspas que deve ser utilizado nas citações: aspas curvas no caso do *El País* (1996: 144), aspas angulares no caso do *El Mundo* (1996: 76).

2. *Crítérios para a transcrição de outros alfabetos.* Nesse ponto, as variáveis são muito mais significativas. A transcrição (ou representação dos elementos de uma língua, qualquer que seja a escrita original, por outro sistema de letras ou signos fonéticos) é fonte de erros ao traduzir, devido à interferência com outras línguas. Todos os manuais de estilo advertem os redatores dos erros de transcrição que são cometidos, principalmente por influência das agências internacionais de notícias, que transmitem as grafias conforme o idioma que usa cada uma, ao serem as primeiras que utilizam as transcrições, sobretudo de antropônimos ou topônimos. Cada jornal fixa suas próprias normas e, dependendo do tipo de transcrição empregado, o leitor da imprensa espanhola encontrará um mesmo termo escrito de forma diferente segundo o jornal escolhido. Assim, para utilizar um exemplo da atualidade, termos que o *El País* ou o *El Mundo* transcrevem como *Irak*, *Al Qaeda* ou *Bin Laden*, ficam como *Iraq*, *Al Qaida* ou *Ben Laden* no *La Razón*. Talvez o caso mais chamativo seja o da capital chinesa: *Pekín*. Assim figura na maioria dos jornais espanhóis, exceto no *El Mundo*, em que se utiliza a transcrição em pinyin: *Beijing*.

3. *Posicionamento em relação ao uso de empréstimos.* Aqui a coincidência é total, todos evitam o uso de termos estrangeiros sempre que tenham equivalente na língua espanhola. Onde encontramos diferenças é no tratamento dado a esses empréstimos por parte dos diferentes meios de comunicação. Na grande quantidade de léxicos apresentada nesses manuais, são reunidos os termos considerados problemáticos e são dadas orientações sobre o seu uso. Assim, por exemplo, no *Libro de estilo de El País* (1996: 380), encontramos a seguinte entrada:

land (plural, *länder*). Em alemão, “país”. Cada um dos estados que fazem parte da República Federal da Alemanha. Prefere-se a palavra Estado, mas se for usada em citações será escrita em itálico e com minúscula (apesar de em alemão se escrever com maiúscula).

O *Libro de estilo de El Mundo* (1996: 240), por sua vez, recomenda o seguinte:

Land Plural, *Länder*. Em alemão, “país”. Cada um dos estados que formam a Alemanha. É preferível a palavra Estado, mas pode ser usada essa conhecida palavra alemã em itálico e com maiúscula.

4 Técnicas de tradução

Para evitar confusões terminológicas ou conceituais, utilizamos o termo *técnicas de tradução* na concepção proposta por Hurtado Albir (2001: 268), que as define como “procedimento, geralmente verbal, visível no resultado tradução, que é utilizado para conseguir a equivalência tradutória, com cinco características básicas: 1) afetam o resultado da tradução; 2) são classificadas a partir da comparação com o original; 3) referem-se a microunidades textuais; 4) têm um caráter discursivo e contextual; 5) são funcionais”.

As técnicas de tradução empregadas na tradução jornalística são muito variadas. A mudança do sistema cultural exige, como apontamos na seção 3, a intervenção do tradutor para que a comunicação flua com naturalidade e a função informativa do texto se cumpra. Instituições, siglas, partidos, nomes próprios exigem técnicas de tradução como a adaptação ou a descrição para que o leitor compreenda o texto⁷. Neste estudo, não nos ocuparemos das técnicas necessárias para traduzir microunidades de índole cultural. Centramo-nos em um campo pouco explorado, como é a descrição de outras técnicas específicas empregadas na tradução jornalística. É o caso da amplificação, compressão linguística e elisão⁸. O seu uso é determinado por necessidades funcionais dos gêneros jornalísticos. Não se deve apenas traduzi-los, mas também adaptá-los às características dos gêneros jornalísticos em espanhol, aplicar as orientações marcadas pelo novo canal que os acolhe, que lhes atribui sua função. Tudo isso exige o uso de técnicas específicas que resultam em mudanças importantes no texto de chegada. A seguir, mostramos a aplicação dessas técnicas, utilizando, como fizemos até agora, textos jornalísticos traduzidos do jornal francês *Libération*.

4.1 A amplificação linguística

A amplificação linguística é uma técnica que consiste em introduzir informações que não estão no texto original. No caso da tradução jornalística, é uma técnica de uso frequente, necessária pelas novas circunstâncias de recepção do artigo traduzido. A amplificação é empregada com diferentes finalidades, como veremos nos exemplos que apresentamos a seguir.

⁷ Os exemplos são abundantes, e o tradutor, na maioria dos casos, pressionado pelo espaço, opta por explicações breves que permitam que o novo leitor compreenda, como nos seguintes exemplos extraídos de traduções que reproduzimos a seguir (as intervenções do tradutor estão entre parênteses): (el semanario satírico) *Le Canard enchaîné*, la RATP (Transportes de Paris), la SNCF (la Renfe francesa), el FN (la extrema derecha, que lidera Jean-Marie Le Pen)

⁸ Em relação à denominação das técnicas de tradução, continuamos utilizando a terminologia proposta por Hurtado Albir (2001, p. 268-271) pelas razões antes expostas.

1. Atualização da informação

A função de informar, predominante nos gêneros jornalísticos, explica as eventuais ampliações da informação do original por novidades do momento da notícia. O exemplo que apresentamos reflete esse último aspecto; extraímos o seguinte parágrafo da tradução espanhola do artigo “Cachemire: éden touristique retrouvé”:

Conséquence directe du processus de paix indo-pakistanaï amorcé ces derniers mois, la vallée du Cachemire connaît cette année un retour en force du tourisme, anéanti ces quinze dernières années pour cause d'insurrection armée (Libération, 23-9-04).

Consecuencia directa del proceso de paz indo-paquistaní iniciado en los últimos meses y ratificado por los líderes de ambos países esta semana en Nueva York, el valle de Cachemira está asistiendo al retorno masivo del turismo, que había desaparecido durante los últimos 15 años por culpa de la insurrección armada (*El Mundo*, 26/9/2004).

Utilizamos o formato em itálico no texto traduzido para marcar a parte introduzida que não está no texto original. Podemos observar como foi adicionada essa sequência para ampliar a informação com o novo dado ocorrido entre a publicação do original e a sua tradução para o espanhol: a ratificação do processo de paz em Nova Iorque pela Índia e pelo Paquistão.

2. Explicação da informação

A notícia sempre deve ser facilmente compreendida. Por isso, às vezes, é necessário explicar a informação. Nesse exemplo, extraído da tradução do artigo “Rumsfeld prédit plus de violence en Irak”, observamos como foi introduzida uma frase que não estava no original com a finalidade de facilitar para o leitor a compreensão do texto e deixar mais acessível a transição de um parágrafo a outro:

Outre que ces zones attirent désormais de nombreux groupes terroristes venus cher-cher en Irak un refuge perdu en Afghanistan, près d'un quart du pays, dont une bonne part de la capitale, échappe totalement aux règles politiques dictées par la coalition et le gouvernement intérimaire. Situation inacceptable dans la perspective de la future souveraineté irakienne.

À l'issue de très longues tractations menées par le clegé officiel chiite, la Marjaia, sous les auspices du grand ayatollah Ali Sistani, le jeune chef religieux rebelle, Moqtada al-Sadr, a accepté d'ouvrir les négociations avec des émissaires du gouvernement (Libération, 11-10-04).

Además de que estas zonas atraen a numerosos grupos terroristas que han venido a buscar en Irak el refugio perdido en Afganistán. Cerca de la cuarta parte del país y una buena parte de la capital escapa totalmente a las reglas políticas dictadas por la coalición y por el Gobierno interino, una situación inaceptable en la perspectiva de una futura soberanía iraquí.

La única nota de esperanza procede de la comunidad chií, mayoritaria en Irak y que, precisamente por eso, piensa que tiene mucho que ganar en un escrutinio directo. Tras complicadas negociaciones dirigidas por los clérigos oficiales, la Marjaya, bajo los auspicios del gran ayatolá Ali Sistani, el joven jefe religioso rebelde, Muqtada al Sadr, ha aceptado entablar negociaciones con los emisarios del Gobierno (*El Mundo*, 11-10-04).

3. Contextualização da informação

O novo contexto comunicativo sociocultural obriga, algumas vezes, o tradutor a contextualizar a informação, como observamos neste trecho do artigo “Porte-voix d’islam”, traduzido ao jornal *El Mundo* com o título “Una cruzada musical y pacifista a favor del islam”, no qual se faz referência ao novo disco de Youssou N’Dour:

Pour la première fois de sa longue carrière, la star sénégalaise, 44 ans, affirme dans Egypte, sorti en France cette semaine, sa foi et son appartenance à la confrérie musulmane des mourides (*Libération*, 11-6-04).

Y es que, por primera vez, la estrella senegalesa de 44 años declara abiertamente su fe y su pertenencia a la fraternidad musulmana muridista en su nuevo disco, *Egypte, que se publica mañana en España* (*El Mundo*, 13-6-04).

A informação apresentada ao novo leitor é atualizada e adaptada à sua realidade mais próxima. Dessa forma, o tradutor utilizou o nome com o qual o disco foi comercializado na Espanha (curiosamente, em inglês), informando ao mesmo tempo a data do lançamento no país.

4.2 A compressão linguística

A compressão linguística é uma técnica que consiste em sintetizar elementos linguísticos. As novas necessidades do canal receptor e o novo formato que recebe o texto traduzido obrigam o uso de técnicas que diminuam o conteúdo. Atualmente, a edição eletrônica, que atribui a cada artigo uma extensão precisa, determina o espaço disponível para os textos; cada redator sabe, aproximadamente, o espaço que tem designado para elaborar o texto noticioso. Ao incorporar ao novo canal um texto que originalmente foi criado para outro

meio de comunicação, podem ocorrer assimetrias. Elas afetam tanto o tratamento dado à informação como o espaço estipulado. Assim, por exemplo, pode acontecer de uma notícia de âmbito nacional no canal de partida, com um tratamento extenso e exaustivo, se transformar em uma notícia de caráter internacional no canal de chegada, com um tratamento mais breve.

O recurso da compressão é, pois, frequente e necessário. Apresentamos a seguir um exemplo, incluído por sua extensão em dois anexos, onde podemos analisar um caso comum da aplicação dessa técnica. Trata-se da tradução de uma entrevista ao imame da mesquita al Kadumiya de Bagdá, intitulada “Nos combattants sont tous prêts au sacrifice” (*Libération*, 13-8-04) (Anexo 1), publicada no *El Mundo* (13-8-04) com o título: “La Coalición aún no ha conocido la verdadera pesadilla” (Anexo 2).

A comparação de ambos os textos, original e tradução, nos permite detectar, em primeiro lugar, que foi feita uma mudança de subgênero: o original responde às características de uma entrevista de declarações (que foi reproduzida pelo sistema de pergunta-resposta), enquanto a tradução se ajusta ao sistema de entrevista *em formato de reportagem* (*Libro de estilo de El Mundo* 1996: 23), um texto narrativo em que se intercalam, entre aspas, as respostas relevantes do entrevistado e são resumidas, por meio de paráfrases, outras respostas. Dessa forma, o original é resumido, comprimido. De cada uma das respostas do entrevistado, é extraído o conteúdo mais relevante para construir um relato que sintetize as principais informações. Ainda assim, ressalta-se que o texto resultante não apresenta a última resposta do entrevistado, que faz uma velada acusação contra o ayatolá Ali Sistani, recorrendo à elisão (ver seção 4.3).

A aplicação dessa técnica tem efeitos discursivos, uma vez que o texto resultante apresenta grandes variações em relação ao original, que podem ir desde a síntese de trechos concretos de um texto ou a seleção do mais importante até chegar a casos extremos, como o que apresentamos nos anexos, a mudança do gênero textual.

4.3 A elisão

Os anexos 1 e 2 nos permitem, ao mesmo tempo, comprovar como o espaço determina o trabalho do tradutor de textos jornalísticos e exige a aplicação de técnicas concretas. Quando o texto traduzido dispõe de um espaço menor do que dispunha o original, o tradutor sintetiza ou omite, ou seja, utiliza técnicas de compressão linguística ou elisão. O recurso da elisão é, pois, muito frequente e afeta praticamente todas as variedades textuais dos gêneros jornalísticos, embora em graus diferentes. Em um estudo anterior (Hernández Guerrero, 2004a), em que analisamos como são traduzidos os diferentes gê-

neros jornalísticos, demonstramos que não são traduzidos de modo igual os gêneros informativos, interpretativos e argumentativos⁹.

No caso dos gêneros informativos, os originais são utilizados como base para criar um novo texto em espanhol que deve funcionar como notícia para um público diferente e inserir-se nas novas convenções textuais. Por isso, não é estranho que, independentemente do espaço designado, recorra-se com frequência à elisão de partes do texto (com informação que não é considerada relevante para o novo leitor), junto com a compressão e a amplificação; são técnicas necessárias para que a notícia funcione como tal no novo contexto comunicativo.

As variedades textuais dos gêneros interpretativos (informe jornalístico, reportagem, crônica, etc.) sofrem menos modificações nas adaptações à nova situação comunicativa. Ainda assim, as mais relevantes são as derivadas do espaço designado ao texto traduzido. Quando dispõe de espaço, o mais comum é que o tradutor ofereça todo o conteúdo do original; se não é assim, é frequente que recorra à elisão.

Por último, nos gêneros argumentativos a fidelidade ao texto original chega ao seu máximo expoente. Os autores dos textos de opinião são jornalistas de reconhecida trajetória profissional ou de nomes de prestígio externos ao jornal e é “norma” nos diferentes meios de comunicação a fidelidade no tratamento desses textos. No entanto, os gêneros argumentativos, como as outras variedades textuais dos gêneros jornalísticos, não escapam às transformações impostas pelo novo meio que os publica, embora em menor medida. Assim, o uso da elisão não é frequente (romperia a argumentação e dificultaria a compreensão do texto) e, quando é utilizada, sempre devido à falta de espaço, afeta principalmente os parágrafos finais.

Por tanto, o uso dessa técnica varia nos diferentes gêneros jornalísticos. Se nos gêneros informativos a sua utilização é determinada pela nova função que cumpre a notícia no contexto comunicativo de chegada, nas outras variedades textuais é aplicada por motivos de espaço.

Conclusões

A tradução jornalística é um tipo de tradução que apresenta características próprias; está condicionada pelos gêneros textuais empregados e pelas exigências derivadas do novo contexto comunicativo. Neste trabalho, descrevemos os condicionamentos que determinam o trabalho do tradutor e influenciam o uso específico de certas técnicas de tradução, como a amplificação, a compres-

⁹ O leitor interessado encontrará nesse trabalho seis anexos compostos de original e tradução, que correspondem a seis variedades textuais diferentes (notícia, entrevista, crônica, reportagem, coluna e artigo de opinião), com a sua correspondente análise.

são e a elisão. A aplicação dessas técnicas na tradução jornalística é funcional e permite que os novos textos surgidos da tradução cumpram a nova função atribuída a eles e se adaptem tanto às convenções textuais dos gêneros jornalísticos em espanhol, quanto às necessidades do novo canal que os publica.

Bibliografia

- CASASÚS, J.M.; NÚÑEZ LADEVÉZE, L. (1991). *Estilo y géneros periodísticos*. Barcelona: Ariel.
- CORTÉS ZABORRAS, C.; HERNÁNDEZ GUERRERO, M.J. (eds.) (2005). *La traducción periodística*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- CHARTIER, D. (2000). *La traducción journalistique: anglais-français*. Toulouse: Amphi.
- DIJK, T.V. (1990). *La noticia como discurso*, Guillermo Gal (trad.). Barcelona: Paidós.
- GOMIS, L. (1991). *Teoría del periodismo*. Barcelona: Paidós.
- GRUPO IRIS (1996). *La tradición del texto periodístico*. Alicante: Editorial Club Universitario.
- GUTIÉRREZ DE TERÁN, I. (1997). *Manual de traducción periodística (del español al árabe)*. Madrid: CantArabia.
- HERNÁNDEZ GUERRERO, M.J. (2005a). «La traducción de los géneros periodísticos». En: CORTÉS ZABORRAS, C. y M.J. HERNÁNDEZ GUERRERO (eds.). *La traducción periodística*: 89-135.
- _____. (2005b). «Prensa y traducción». En: CORTÉS ZABORRAS, C. y M.J. HERNÁNDEZ GUERRERO (eds.). *La traducción periodística*: 157-175.
- _____. (2004). «La traducción de los titulares periodísticos». En: SUSO LÓPEZ, J. y R. LÓPEZ CARRILLO (coord.). *Le français face aux défis actuels*. Granada: Universidad de Granada-Apfue-Gilec, vol. 2: 271-281.
- HERNANDO, B.M. (1999). «Traducción y periodismo o el doble y misterioso escepticismo». *Estudios sobre el mensaje periodístico*, 5.
- HURTADO ALBIR, A. (2001). *Traducción y traductología. Introducción a la Traductología*. Madrid: Cátedra.
- Le style du Monde* (2002). París: *Le Monde*.
- Libro de estilo de ABC* (1993). Barcelona: Ariel.
- Libro de estilo de El Mundo* (1996). Madrid: Temas de Hoy.
- Libro de estilo de El País* (1996). Madrid: Ediciones El País.
- Libro de estilo de La Vanguardia* (1986). Barcelona: La Vanguardia.
- Manual de español urgente de la Agencia Efe* (1995). Madrid: Cátedra.
- MARTÍNEZ, C. (2001). «Traducción y periodismo». En: *Actas del III*

Congreso Latinoamericano de Traducción. Buenos Aires: Colegio de Traductores Públicos de la Ciudad de Buenos Aires, <http://www.traductores.org.ar>.

MARTÍNEZ ALBERTOS, J.L. (1989). *El lenguaje periodístico*. Madrid: Paraninfo.

_____. (2000). *Curso general de redacción periodística*. Madrid: Paraninfo.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. (2003). *Libro de estilo de Vocento*. Gijón: Trea.

NÚÑEZ LADEVÉZE, L. (1993). *Métodos de redacción y fundamentos de estilo*. Madrid: Síntesis.

_____. (1995). *Introducción al periodismo escrito*. Barcelona: Ariel.

TAPIA SASOT DE COFFEY, M.J. (1992). «La traducción en los medios de prensa». 38: 59-63.

Anexo 1

Evénement

Irak: Raed al-Kadhumi al-Sadi, porte-parole de Moqtada al-Sadr, accuse les Américains et Iyad Allaoui: «Nos combattants sont tous prêts au sacrifice»

Par Didier Francois (vendredi 13 août 2004)

Bagdad envoyé spécial

Imam de la mosquée Al-Kadoumiya, à Bagdad, le cheikh Raed al-Kadhumi al-Sadi est l'un des principaux porte-parole du chef de la rébellion chiite, Moqtada al-Sadr. Il revient pour Libération sur cette crise.

— Les forces de la coalition et le gouvernement transitoire veulent expulser l'Armée du Mehdi du mausolée de l'imam Ali, à Najaf. Quelle sera la réaction de Moqtada al-Sadr?

— Les Américains doivent savoir que les volontaires de l'Armée du Mehdi se battront jusqu'au dernier pour défendre ce lieu sacré pour tous les chiites. Nos combattants sont tous prêts au sacrifice et l'occupant l'apprendra à ses dépens. Sayed Moqtada al-Sadr a déjà donné l'ordre de poursuivre le combat même s'il venait à être capturé ou tué. Et, si les Américains lancent l'assaut, il lancera un appel au soulèvement général de tous les chiites en Irak. La coalition connaîtra alors un véritable cauchemar et ce sera la fin du gouvernement d'Iyad Allaoui.

— Comment en est-on arrivé à une telle situation alors qu'un cessez-le-feu a été signé en juin?

— Nous n'avons pas rompu ce cessez-le-feu. Notre résistance à l'occupation n'a jamais eu recours au terrorisme ni aux enlèvements. Jamais nous n'avons pris pour cible des Irakiens. Le courant de Moqtada al-Sadr avait même engagé des discussions positives avec le gouvernement. L'Armée du Mehdi était prête à collaborer avec la police pour rétablir la sécurité en Irak. Nous sommes un mouvement religieux et populaire, qui compte des millions de partisans alors que le gouvernement n'a pas de base sociale et se retrouve donc incapable d'empêcher les attentats ou d'enrayer le crime en Irak. Nous avons également proposé au gouvernement d'appeler à la réconciliation nationale, de préparer un calendrier pour le retrait des troupes américaines. Pendant ce temps, un petit clan d'affairistes vendus aux Etats-Unis préparait sournoisement cette agression.

— Que voulez-vous dire?

— Cette opération est un guet-apens monté à la demande des Etats-Unis par le Premier ministre, Iyad Allaoui, le ministre de la Défense, Hazem Chaalane, le ministre de l'Intérieur, Falah al-Naqib, et le conseiller à la sécurité nationale, Mouaffak al-Roubale. Ces gens vivaient en exil et sont arrivés en Irak dans les valises de l'armée américaine. Que faisaient-ils pendant que nous combattons la dictature de Saddam Hussein? Ils n'ont pas souffert avec le peuple irakien et ne s'intéressent qu'à leurs intérêts personnels. Plusieurs membres importants du gouvernement, à commencer par le vice-Premier ministre (Ibrahim al-Jaafari) ont publiquement condamné le recours à la force. Mais les Américains veulent détruire l'Armée du Mehdi parce que nous n'acceptons pas de vendre le peuple d'Irak contre quelques sièges ou maroquins. Nous exigeons des élections démocratiques pour doter l'Irak d'un gouvernement légitime qui en finisse avec l'occupation.

— C'est aussi la revendication de l'ayatollah Sistani, la plus haute autorité religieuse chiite.

— L'ayatollah Ali Sistani a perdu de nombreux partisans au profit de Moqtada al-Sadr au cours de cette dernière semaine. Beaucoup de gens croient que son voyage à Londres, officiellement pour raisons de santé, mais qui a coïncidé avec le début de l'agression contre l'Armée du Mehdi, a été organisé à dessein. C'est un feu vert qui a été donné aux Américains pour attaquer les partisans de Moqtada al-Sadr. Nous accusons le gouvernement irakien illégitime et les troupes d'occupation de vouloir diviser les communautés irakiennes. Ce sont des méthodes dignes de l'ancien régime. Le peuple d'Irak les rejettera.

Anexo 2

La Coalición aún no ha conocido la verdadera pesadilla

Didier François (Libération / El Mundo)

Bagdad

El imam de la mezquita al Kadumiya, en Bagdad, el jeque Raed al Kadumi al Sadi, uno de los principales portavoces del jefe de la rebelión chií, Muqtada al Sadr, expresó al diario francés «Libération» su visión sobre el conflicto.

«Los voluntarios del Ejército del Mahdi combatirán hasta el final para defender ese lugar sagrado para todos los chiíes», manifestó Al Sadi, en referencia al mausoleo del imam Ali, en Nayaf. «Nuestros combatientes —prosiguió— están listos para el sacrificio».

Precisó que Muqtada al Sadr ya dio la orden de proseguir con la batalla en caso de que él sea capturado o muerto. «Si los estadounidenses lanzan un asalto, él responderá con una llamada de sublevación general a todos los chiíes en Irak. La Coalición aún no ha conocido la verdadera pesadilla y eso será el fin del Gobierno de Iyad Alauí» aseguró.

Al Sadi declaró que no fueron los chiíes los que provocaron el rebrote de violencia. «No rompimos el alto el fuego. Todo lo contrario. Nuestra resistencia a la ocupación nunca ha recurrido al terrorismo o al rapto. Jamás hemos utilizado a los iraquíes como blancos». La corriente de Muqtada al Sadr llegó a tener «discusiones positivas» con el Gobierno, sostiene el portavoz.

«El Ejército del Madhi estaba dispuesto a colaborar con la policía para restablecer la seguridad de Irak. Somos un movimiento religioso y popular, que cuenta con millones de miembros, mientras que el Gobierno no tiene ninguna base social y es incapaz de impedir los atentados o de frenar el crimen en Irak».

Al Sadi no dudó que esta operación «es una emboscada montada a petición de Estados Unidos por el primer ministro Iyad Alauí, por el ministro de Defensa Amed al Chalan, el ministro del Interior, Falah an Nakib, y el consejero de Seguridad Nacional, Maufak al Rubei. Estas personas vivían en el exilio y llegaron a Irak gracias al Ejército estadounidense. ¿Qué hacían ellos mientras nosotros combatíamos la dictadura de Sadam Husein? Ellos no han sufrido con el pueblo iraquí, y no les interesa nada más que sus intereses personales».

Miembros importantes del Gobierno, comenzando por el viceprimer ministro Ibrahim al Jafari, han condenado públicamente el uso de la fuerza. «Pero los estadounidenses —subrayó Al Sadi— quieren destruir el Ejército del Madhi, porque nosotros no aceptamos vender al pueblo iraquí a cambio de algunos escaños. Exigimos unas elecciones democráticas para dotar a Irak de un Gobierno legítimo que termine con la ocupación y no continúe dividiendo al pueblo».

Aplicações das ferramentas web 2.0 e web 3.0 no campo da tradução e da terminologia nos âmbitos acadêmico e organizacional

Rosa Luna¹

Tradução de Tainara Belusso da Silva²

Revisão de Maria Lúcia Machado de Lorenci³

Introdução

A educação virtual ou semipresencial foi, durante muito tempo, aquela que fez uso dos recursos da Internet. Hoje em dia, sua transferência para a aula presencial é urgente. É cada vez maior o número de alunos nativos digitais que assistem às aulas com seus computadores pessoais, *tablets*, telefones inteligentes ou *ipods*. Diante dessas mudanças, os docentes, inicialmente os de ensino básico e posteriormente os de educação superior, analfabetos digitais, se viram obrigados a aplicar as tecnologias da informação e da comunicação na sua prática docente.

Segundo Pere Marques (2005), devemos utilizar as TICs na educação para: 1) facilitar a alfabetização digital dos nossos estudantes; 2) aproveitar as vantagens que nos proporcionam para melhorar a produtividade; 3) inovar as práticas docentes, aproveitando as novas possibilidades didáticas que oferecem. Trata-se de conseguir que nossos alunos melhorem a aprendizagem e que se reduza o fracasso escolar.

Durante muito tempo apliquei diversas estratégias de ensino em grupo, puramente presenciais (dinâmicas de grupo, exposições, etc.), com relativo sucesso até que, há alguns anos, decidi adentrar timidamente no mundo *web 2*, com a finalidade de efetivar e dinamizar o processo de ensino-aprendizagem. Na minha qualidade de professora dos cursos de Terminologia, Tradutolo-

¹ Universidad Ricardo Palma; Universidad Femenina del Sagrado Corazón. Título original: *Aplicaciones de las herramientas web 2.0 y web 3.0 a campo de la traducción y terminología en los ámbitos académico y gremial*.

² Aluna do Curso de Bacharelado em Letras – Tradução, Espanhol.

³ Professora do Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras, UFRGS.